

Participação dos bancos na dívida latino-americana

23 JUL 1984

LOS ANGELES — Hoje, a história da dívida latino-americana já se tornou um programado "enforcamento". No último momento, a Argentina conseguiu pagar seus U\$ 350 milhões de juros, no prazo-limite de 30 de junho, mas a crise deverá ressurgir nos próximos meses. Os países latino-americanos devem cerca de U\$ 370 bilhões aos bancos dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão, e sua inabilidade para pagar os juros, sem falar das parcelas principais, é universalmente reconhecida.

Os bancos e assessores econômicos são, em grande parte, responsáveis por esta apavorante situação. Nos anos 70, repetindo o padrão dos anos 20, os banqueiros deixaram de lado o conservadorismo fiscal e se engajaram em uma orgia de conceder empréstimos competitivos. Foram injetados empréstimos em países à beira da falência e à mercê dos preços de **commodities** no mercado internacional. Supostos teóricos acadêmicos, com uma roupagem de "economistas desenvolvimentistas", propuseram a nefasta doutrina de que o débito pode ser acumulado indefinidamente.

Como resultado, as nações devedoras estão tão enterradas sob uma montanha de dívida que agora emprestam apenas para pagar os juros. Os países em desenvolvimento, que deveriam ser grandes importadores, se transformaram em exportadores a um nível de US\$ 20 bilhões por ano.

Como é comum em casos como este, as vítimas desta armadilha multibilionária estão sendo tratadas como culpadas. Os complacentes e superpagos burocratas do FMI e ins-

tituições financeiras estão pregando "responsabilidade financeira" e "medidas de austeridade" aos governos do Terceiro Mundo, como se programas sociais fossem itens supérfluos e desnecessários.

Se os endividados realmente implantarem essas recomendações, as miseráveis massas latino-americanas perderão a indexação dos salários, e os subsídios de alimentos de que dependem para sobreviver. O Brasil, por exemplo, transformou áreas tradicionalmente usadas para produção de alimentos para o mercado interno em terras de cultivo intenso para exportação, com café, soja, cana-de-açúcar ou cacau. Metade de seu ganho com a exportação é gasto em juros da dívida, enquanto os preços de alimentos disparam e a subnutrição espalha-se.

Há muitos fatores para se recomendar a moratória. A economia do país devedor não se deterioraria necessariamente, apenas a credibilidade de seu governo seria afetada. Durante e após a Segunda Guerra, os investimentos privados na América Latina dispararam, apesar de vários governos, como o peruano e o mexicano, permanecerem endividados por mais de 30 anos. Agora, os governos deveriam colocar seus orçamentos em uma base de financiar seu próprio retorno. Os bancos deveriam ter esta saudável lição de que os acionistas devem varrer estes venenosos vendedores de seus gabinetes. (Charles Maechling Jr., doutor da Fundação Carnegie para Paz Internacional em Washington, especial para o Los Angeles Times).